

Cartas Pedagógicas – aprendizados de uma vida

Pedagogical Letters – learnings of a whole life

Cartas Pedagógicas – aprendizajes de una vida

Isabela Camini – Setor de Educação do MST

RESUMO

Cartas Pedagógicas – aprendizados de uma vida lembra-nos a importância de fazer uma avaliação crítica e propositiva de nossa trajetória de vida e práticas pedagógicas inspiradas no Educador do Povo que cruzou fronteiras para encontrar os oprimidos. Desafia-nos a conhecer lutadores e lutadoras, tais como: Abelardo e Eloísa, Che Guevara, Rosa Luxemburgo, Olga Benário, Frei Betto e tantos outros que buscaram manter viva a força mística no seu interior, escrevendo cartas nos períodos mais desafiadores, quando exilados ou aprisionados pela força das ditaduras. Sem dúvida, todas as celebrações do centenário do nascimento de Paulo Freire, feitas no mundo inteiro, suscitaram em mim o desejo de visitar as lembranças da infância, adolescência, juventude e vida adulta, em que me ocupei com a escritura de missivas. Quando comecei a ler as cartas dos *mestres da humanidade*, senti bater forte no meu peito a certeza de que estava no caminho certo. Esse aprendizado me tornou a mulher, educadora, militante e pesquisadora que sou. O texto pretende-se um diálogo com as experiências de vida das leitoras e leitores.

Palavras-chave: Cartas pedagógicas; Paulo Freire; humanidade; memórias.

ABSTRACT

Pedagogical Letters – “learnings of a lifetime” reminds us of the importance of making a critical and propositive evaluation of our life’s trajectory and also of pedagogical practices inspired by the “Educator of People” who crossed frontiers to meet oppressed people. He challenges us to get to know fighters such as Eloise and Abelard, Che Guevara, Rosa Luxemburgo, Olga Benário, Frei Betto and others who sought to keep alive the mystical power of their interior, writing letters in the most challenging periods, when they were exiled or imprisoned by dictatorships. Undoubtedly, all celebrations of Paulo Freire’s 100th birthday, conducted everywhere in the world, raised in me the desire to revisit the memories of childhood, adolescence, youth and adult life, when I occupied myself by writing letters. When I start reading the *letters of those who taught mankind*, I felt strongly beating inside my chest the certainty that I was on the right path. This learning made me become the educator, militant and researcher that I am. The text intends to be a dialogue with readers’s (men and women) life experiences.

Keywords: Pedagogical letters; Paulo Freire; mankind; memories.

RESUMEN

Cartas Pedagógicas: aprender de toda la vida nos recuerda la importancia de hacer una evaluación crítica y decidida de nuestra trayectoria de vida y prácticas pedagógicas inspiradas en el Educador do Povo que cruzó fronteras para encontrarse con los oprimidos. Nos desafía a conocer a luchadores, como: Abelardo y Eloisa, Che Guevara, Rosa Luxemburg, Olga Benário, Frei Betto y tantos otros que buscaron mantener viva la fuerza mística dentro de ellos, escribiendo cartas en los períodos más desafiantes, cuando exiliados o encarcelados por la fuerza de dictaduras. Sin duda, todas las celebraciones del centenario del nacimiento de Paulo Freire, celebradas en todo el mundo, despertaron en mí el deseo de volver a visitar los recuerdos de la infancia, la adolescencia, la juventud y la vida adulta, en los que me dediqué a escribir misivas. Cuando comencé a leer las cartas de los maestros de la humanidad, sentí un latido en mi pecho, la certeza de que estaba en el camino correcto. Este aprendizaje me convirtió en la mujer, educadora, activista e investigadora que soy. El texto pretende ser un diálogo con las experiencias de vida de los lectores.

Palavras-clave: Cartas pedagógicas; Paulo Freire; humanidad; memorias.

A carta deve fazer ouvir uma voz, muito mais do que desenvolver um ponto de vista. Não se trata de provar que se tem razão e, sim, de suscitar a ilusão de uma presença.¹

Prezadas/os, o recolhimento social produtivo, uma espécie de exílio, perpassado pelo descompasso da vacinação contra um vírus indesejado, transformou-se na oportunidade de vos contar como aprendi a escrever cartas: na infância, na juventude e na maturidade. Ganhando experiência de vida, anos posteriores, alcancei a condição de escrever Cartas Pedagógicas, tornando-se permanência e aprendizado de uma vida como mulher, educadora e militante. Para este escrito ancorei-me na força e auxílio da memória. Essa se enraíza no concreto à medida que os fatos tomam o papel com a fidedignidade que lhes é merecida. Sem vasculhar os baús dessa memória, narrativa alguma sobre o aprendizado de escrever cartas se sustentaria.

O esforço aqui exige saber lidar com o silêncio, a lembrança, a coragem e talvez com o próprio esquecimento. Ainda que seja impreciso esse inventário, a tentativa de fazê-lo é válida. Esse exercício será sem dúvida um encontro com os sentidos atribuídos à experiência de escrever cartas, perpassada pela minha formação docente. É, pois, essa experiência, permeada de singularidades, que segura minha mão e me impulsiona a escrever e dialogar com vocês no centenário de Paulo Freire. Meu desejo profundo é que a escritura de Cartas Pedagógicas se multiplique entre os educadores/as como instrumentos metodológicos, capazes de verbalizar os silêncios que cabem em uma carta.

Se bem interpretados os últimos escritos de Paulo Freire, há evidências do cunho social, político e humano de suas Cartas Pedagógicas, com a quais se ocupava ardentemente antes de partir. O conteúdo nelas contido brota da realidade que a

¹ DEFFAND, Madame Du. *Cartas a Voltaire*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Mandarim, 1996. p. 19.

Paulo inquietava profundamente. Não o deixava descansar do uso da *pena* que se movia em suas mãos e deslizava sobre os pequenos blocos de papel que costumava levar consigo para registrar as percepções em suas frequentes andarilhagens.

No dia 25 de maio de 1991, no assentamento do MST, Conquista da Fronteira, em Hulha Negra, conheci-o pessoalmente, apertei sua mão e me fotografaram a seu lado. Eu que havia lido algumas de suas obras, senti que deveria conhecê-lo mais profundamente. Desde então, o *mestre da humanidade* continua a me impelir a forjar práticas de libertação. Juntamente com o chileno Carlos Nunez Hurdato, deixo aqui meu testemunho: *Muchos que te conocieron sólo por tus libros, quizá pudieron percibirlo, pero quienes tuvimos el privilegio de conocerte, podremos estar de acuerdo en que, arrojando ese pensamiento lúcido y transformador, estaba el SER HUMANO MÁS HUMANO que yo haya conocido, como lo he dicho y escrito tantas veces desde que te conocí.*

Se Paulo Freire estivesse entre nós, estaria escrevendo Cartas Pedagógicas sobre o meio milhão de óbitos nos Estados Unidos e Brasil, farto de tristeza pela avareza e indiferença das autoridades, frente à morte e à dor de tantos brasileiros. Hoje nos falta suas mãos ágeis, seu coração pulsando, sua indignação palpitando e suas sandálias para caminhar conosco. A exemplo de seu legado, cabe a nós vivos escrevermos cartas. Por elas nos deslocamos para o lugar onde se encontram os leitores/as. Ao nos lerem, sentiremos sua pele, sua respiração e enxugaremos suas lágrimas, suscitando a ilusão de sua presença.

Obviamente, para a maioria das pessoas de hoje, escrever cartas não desperta nelas nenhum atrativo, *está fora de moda*, porque exige tempo em demasia, dizem elas. No mundo líquido moderno, a comunicação é virtual, remota, realizada a um sopro, seguida por informações, brevemente esquecidas, sem formação humana alguma. Não importa o que possam dizer e sentir ao ler essa missiva. Meus leitores ficam, desde já, livres para expressar o que suscitar em seu íntimo. Quiçá lhes sirva de inspiração escrever uma carta, um livro, que gostariam de ler e ainda não o encontraram. As incertezas advindas da pandemia que escancarou as desigualdades sociais podem ser fonte de inspiração para você escrever uma carta a você próprio, detalhando como tratar das feridas expostas sem curativos, que demandam atos de solidariedade e acolhimento aos adoecidos pelo descaso e pela estupidez daqueles que negam a ciência, abraçados à sua própria indiferença e falta de empatia humana que lhes cegam o coração.

A meus olhos, escrever cartas não está fora de moda nem superado. Temos ainda 14 milhões de analfabetos em nosso país, que sequer escrevem e leem algumas linhas. Urgem políticas públicas de enfrentamento a esse descaso. Urgem projetos de alfabetização dessa parcela da população analfabetizada. Lutaremos para isso. Haverá o dia em que celebraremos juntos, com elas e eles, o ato de escrever e ler o mundo, com os seus olhos, a exemplo do que ocorreu na Ilha Cubana em 1961, pós-revolução,

conforme relato emocionante na obra *A Revolução de Anita*, escrita com primor por Shirley Langer. Há que ser buscada e lida a um só fôlego, sem impedir que as lágrimas desçam em nossas faces. Lágrimas de vergonha e talvez de arrependimento por pouco termos feito para impedir as atrocidades cometidas contra o povo trabalhador, negligenciado do direito de ler o mundo e dizer a sua palavra. Essa carta quer ser também um chamamento, um grito a alcançar o sistema capitalista, cujo projeto ensaia a cegueira para milhões de seres humanos. Obviamente, a classe dominante continua a se manter na defensiva. Manter a cegueira do povo é possibilidade segura de manipulação e de exploração dos opressores sobre os oprimidos. Ninguém tem mais consciência da opressão do que aqueles que a sofrem, ameaçando as suas vidas. Sem o conhecimento que liberta, os oprimidos sequer podem ver os efeitos da desumanização. Seus corpos ficam imobilizados, suas mentes limitadas e sua visão ofuscada. Haja vista o filme “Central do Brasil”², cujo enredo nos comove e nos tira o sossego.

Sem pretender convencer vocês, renovo minha tese. Escrever Cartas Pedagógicas é uma terapia valorosa. Uma espécie de *diamante raro*, achado por quem procurou, exercitou e deixou-se absorver pelo exercício de escrever e reescrever cartas até o ponto desejado. Uma carta não pode cansar, mas encantar o mensageiro. Infelizmente, são ainda poucos os que se dedicam à escrita, a construir literatura, a narrar experiências de vida, a registrar práticas sociais para posterior reflexão. Conforme Pablo Neruda: *Escribir es fácil. Empieza con una letra mayúscula y termina con un punto. En el medio pones ideas.*

Advirto, porém, só alcançamos as cartas de amor de Abelardo e Heloisa, século XII, porque foram escritas, guardadas *a sete chaves*, supostamente segredos que somente a eles interessavam, quando vivos. Após sua morte, sua literatura alcançou o mundo porque eles não tinham mais voz para impedir sua visibilidade. Insistentemente, busquei-as em diferentes sebos, encontradas em folhas envelhecidas, empoeiradas pelo tempo e as letras quase indecifráveis. Como nos diz o prefaciador José Pérez: “A psicopatologia do coração não tem documentário mais precioso. E é para isso, principalmente, que deveria suscitar a curiosidade e as atenções dos psicólogos e dos literatos” (p. 14). Lemos Fernando Pessoa (1888-1935) porque ele passou a vida toda escrevendo. Assim, a humanidade foi presentada com um legado de 50 mil textos, guardados no baú, frutos de sua maior e real genialidade. Lemos Antônio Gramsci porque foi fiel e exímio escritor em tempos de cárcere. Assim, podemos dizer de Rosa Luxemburgo, José Saramago, Dom Elder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, entre outros, cujas mãos não se cansaram de escrever cartas. Esses exemplos nos dizem de que, na luta de classes, nós precisamos disputar o conhecimento, dar visibilidade às nossas

² Filme brasileiro *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles. Drama/comédia dramática em que Fernanda Montenegro escreve cartas para alguns analfabetos na estação do trem Central do Brasil no Rio de Janeiro.

construções teóricas, recontar a história do nosso ponto de vista, contrariando o ponto de vista dos vencedores. A metodologia das Cartas Pedagógicas seria um bom caminho para a concretização desses escritos, verdadeiros instrumentos metodológicos.

Escrever é preciso, sem medo. Errar é um aprendizado. Se precisar reescrever, faça a sua parte. Escreva para que possamos ler. Essa prática perpassou minha experiência de vida desde a infância, experimentada na pele e nos ossos. A princípio, não lhe dava o devido valor. Era apenas mais uma tarefa entre outras a cumprir. Hoje, escrevo cartas pedagógicas pela necessidade e urgência de anunciar e denunciar a problemática social, sem desmerecer o prazer e o gosto com que as escrevo. Através delas mantenho-me conectada humanamente com o povo que luta em luto, sendo solidária com o mundo que sofre pelas injustiças, pela fome, pela falta de conhecimento guardados nos livros. Sem desmerecer a esperança, vislumbramos dias nebulosos e sombrios pela frente. O sofrimento é coletivo e somente será superado com gestos de solidariedade coletiva. Gestos que precisam alcançar o papel e, a um toque, chegar aos leitores.

Pois bem, querida leitora/o, se tiver paciência pedagógica e perseverança, valores indispensáveis a quem aprende e ensina, convido você a ler esta carta até o final. Não prometo ser uma carta breve, pois o exercício de escrever perpassou a dinâmica da vida. O propósito é extrair o melhor do aprendizado de uma vida toda que resulta nessa narrativa reflexiva. Farei o esforço possível para construí-la atraente e agradável, a mantê-lo na leitura, cuja escolha de continuar lendo poderá ser feita pelas primeiras impressões, capturadas nas páginas iniciais. Caso sentir desejo e inspiração, escreva a sua carta, e se chegar às minhas mãos, vou lê-la com todo o prazer e alegria.

Primeiras cartas: infância e adolescência

Relendo fatos do passado, vejo como sou tributária da cultura de escrever cartas. Por dever de ofício e senso de responsabilidade, misturada à obediência familiar, desde muito cedo exercitei a escritura de cartas. A princípio, foi um aprendizado forjado pela força da necessidade. Não passava de uma tarefa obrigatória, sem gosto e prazer pela escrita, porque devia escrever a pessoas estranhas, sem nunca as ter encontrado, sem nenhuma ideia da distância geográfica que nos separava, tampouco entender que meu sangue era o mesmo que corria nas veias delas. Essas pessoas eram familiares e próximas a quem determinava minha tarefa e ditava o que deveria escrever. Desses parentes, estranhos a mim, eles falavam frequentemente, que haviam permanecido na terra natal. Por razões de sobrevivência, em busca de dias melhores, a família de nossos pais separou-se, com raras possibilidades de reencontros. Sendo assim, de algum modo, as cartas davam conta de manter os laços familiares.

Nos anos de 1950-1960, no meio rural, a única forma de comunicação ocorria através de cartas, portadoras de notícias que permaneciam vivas na memória de quem

escrevia e de quem as recebia. Sendo assim, por vezes, minhas mãos eram solicitadas para deslizar sobre as linhas de uma folha de bloco de cartas, escrevendo o que meus pais desejavam contar.

Tenho lembranças de como primavam pela comunicação. A saudade aumentava intensamente à medida que os anos os separavam do lugar onde haviam nascido e crescido na infância, adolescência e início da juventude. Como nossa mãe não teve o auxílio da escola, delegava a nós a tarefa de escrever as cartas e de ler aquelas que viriam em resposta. A nós também cabia procurar pelas cartas empilhadas em uma caixa na casa de comércio na vila de moradores, próxima da escola. Muitas vezes, íamos lá, e não havia carta alguma. Mas, quando uma carta era encontrada, após um longo caminho da escola, tínhamos que lê-la várias vezes à vista e aos ouvidos deles. Se levantássemos o olhar, era possível ver as lágrimas escorrendo de seus olhos, sem conter a emoção ao ouvir as notícias sobre a plantação, colheitas, mudanças, vizinhos, saúde, nascimentos, casamentos, batismos, mortes. Sabíamos do esforço para não chorar em nossa presença por qualquer motivo. Essas cartas guardavam os laços afetivos entre os que haviam ficado e os que haviam partido tempos atrás, tentando a sorte em terras produtivas para alimentar a família e futuramente segurar os filhos por perto; era o seu desejo. Obviamente, essas cartas trocadas entre eles eram escritas a punho, com letra legível e bonita, compreensível ao mensageiro. Era frequente ouvir, inclusive, elogios ao formato e legibilidade da letra. Esses comentários indiretamente nos motivavam a escrever com esmero e com letra bonita.

Ainda que fosse seu desejo, guardado a *sete chaves*, mantido o silêncio, a mãe nunca pôde ler as palavras: *saudade e nostalgia*, sentimentos fortes que não saíam dela, escritas por seu próprio punho. Contentava-se ao ouvir sua mensagem escrita por nós. Era como se fosse a sua palavra escrita.

Obviamente, pela necessidade, incentivava-nos a frequentar a escola, ainda que se preocupasse em nos ver percorrer longo caminho e, nos dias de chuva, frio ou sol escaldante, nos custasse sacrifício. Era uma escola rural, frequentada por filhos de trabalhadores do campo, localizada no centro da vila de moradores. Mais do que aprender algum conhecimento, fomos forjados à pura obediência, a aceitar a classificação. Notas altas dariam poucos elogios; notas baixas, humilhação. Valia mais o silêncio do que a palavra. Perguntas poderiam inibir o professor/a. Por isso copiar do quadro e preencher linhas no caderno era o dever de todos. Eram tempos de ditadura, de castigos caso houvesse alguma insubordinação. Os *desobedientes* eram *castigados* a sentar-se ao lado de *meninos negros e pobres*, caso a professora entendesse que era preciso constrangê-los para corrigi-los e fazê-los acertar o passo. A escola imitava o papel dos quartéis e da Igreja, impondo regras disciplinares exageradas e intimidadoras. Na postura de alguns professores eram perceptíveis fios de afeto e humanidade contrastados com a exigência disciplinar rígida em uma instituição escolar capitalista. Mesmo assim, tentando a sorte, desenvolvemos o gosto

pelo estudo, o respeito aos professores, a partilhar a merenda com os colegas e, sobretudo, a continuar estudando para ler o mundo com as nossas lentes e a escrever o que escrevo hoje. Aprendemos a trilhar com alegria o longo caminho que separava nossa casa da escola, incentivados pela necessidade e exigência de escrever cartas. Infelizmente, o aprendizado pedagógico construído sobre a mesa das refeições de nossa casa ao lado de uma mulher, cujas letras não decifrava e suas mãos nunca sentiram o peso do lápis, não encontrava eco e significado no ambiente escolar. Assim como hoje, aquela escola mantinha cercas estranhas entre o mundo dos estudantes e ela.

As cartas recebidas eram guardadas, documentos importantes. As gavetas da mesa e os baús que o digam. Não tenho lembrança de ver aquelas folhas amareladas jogadas ao lixo. Isso não ocorria em hipótese alguma. As cartas eram documentos preciosos, registros arquivados, cuidados, zelados. Por vezes, voltados às mãos e relidos. Em famílias em que ninguém sabia ler era comum chamar um vizinho já alfabetizado para ler as cartas. Em nosso caso, a carta era lida tão logo o envelope fosse aberto na presença dos pais.

Passados alguns dias, a carta deveria ser respondida, ao pé da letra, com palavras escolhidas pelos pensamentos e sentimentos ao desejo da comunicação. O dia e o tempo eles estabeleciam, nem sempre a contento do nosso desejo infantojuvenil, com os olhos para o futuro, sem entendermos o mundo vivido por eles, absolutamente estranho a nós. Não tínhamos idade para ter passado. Hoje, compreendo melhor aquele tempo, porque tenho vivido o que é passado. Contudo, com outra comunicação, outro olhar sobre o vivido. Em condições de escrever e analisar minha própria história. Para eles, o mundo era outro. E eles observavam o mundo deles com as lentes de que dispunham. E o viam colorido, certamente. Mesmo que as raras fotografias encontradas com surpresa e alegria junto com as cartas, só podiam ser vistas em preto e branco.

Depois de escrita a carta, tínhamos que lê-la para que atestasse sua veracidade e reescrevê-la com palavras escolhidas e letra legível, caso alguma ideia não estivesse a contento. Somente seria envelopada e endereçada se a mensagem estivesse clara e carregada dos sentimentos que eles desejavam expressar aos parentes distantes. Na primeira oportunidade, era levada ao posto de correio e selada. Ali havia ainda um valor a pagar pelo selo. O motorista de um ônibus de linha era o encarregado de transportar essa carta e entregá-la no posto de correio da cidade próxima ao destino. Havia a certeza de que, distante de nós, que escrevíamos, havia alguém à espera dessa mensagem.

Um pouco mais tarde, percebendo meu talento de escrever cartas, minhas mãos foram emprestadas a um irmão de mais idade. Ele se enamorou de uma moça, separados por longa distância. Por ter frequentando pouco tempo a escola, não exercitado a escrita e por acomodação, creditava a mim a confiança de porta-voz de suas palavras com todo o cuidado para que a moça não descobrisse a trama em hipótese alguma. Ele falava o que deveria escrever, e eu era fiel às suas ideias para concluí-la

depressa e ter sua aprovação. Raras vezes, disputava formular alguma frase desde o meu pensamento sem que ele percebesse. No mais, eu não era a criadora. Não sentia prezar em ocupar meu preciso tempo emprestando minhas mãos, escrevendo palavras que, a meu ver, tinham pouco fundo de verdade.

Como as cartas levavam seu nome no final da escrita, a moça sequer imaginava a trama que envolvia a relação estabelecida entre ela e ele. Depois de muitas cartas trocadas, não sei por que razão, a relação não vingou. Essa moça sequer desconfiou de alguma coisa e certamente foi poupada de uma decepção que, obviamente, a levaria ao desencanto e à incerteza da real capacidade de fidelidade do homem que desejava ter a seu lado. A tempo não pôde conhecer melhor e descobrir que as palavras contidas naquelas cartas, não escritas pelo pretendido, pois ele não tinha habilidade e nem quis esforçar-se para adquiri-la. Seu punho era lento e preguiçoso, incapaz de escrever aquelas palavras encantadoras, pouco verdadeiras, mas ilusoriamente esperadas por ela num lugar distante de onde eram escritas as cartas. É provável que minhas mãos tenham dado sustentação à sua preguiça e acomodação. Pois escrever exige tempo, exige pensar e organizar o pensamento. Por isso hoje o tempo da escrita não me pesa em nada. É trabalho, ocupação, terapia.

Ressignificando esse passado em meu presente, vejo que as famílias do meio rural naquela época, como nossos pais, estavam submetidas a um mundo limitado: nascer, viver pouca infância e adolescência, casar-se cedo, ter muitos filhos, batizá-los como a Igreja mandava, aceitar as decisões da Igreja em obediência para não pecar, não se despedir dos que partiram, amargar a saudade, apenas amenizada por alguns instantes, enquanto alguém de nós lia a missiva encontrada na caixa do correio com o nome deles escrito no envelope. A alegria deles era ver os filhos em seu entorno com saúde. Todos batizados e com a promessa de fazer a primeira eucaristia e a crisma em seguida. Em parte, a missão estava cumprida. Com quem deveriam se casar fugia de seu controle. Cada um foi trilhar o seu caminho, tentando evitar a reprodução da vida do mesmo jeito. O encontro com a escola rural poucos dos irmãos tiveram e por curto tempo. O trabalho era prioridade porque era por ele que os alimentos chegavam à mesa. Em anos em que a colheita era farta, o material escolar, o uniforme, as alpargatas e um vestido colorido eram de melhor qualidade. Alguns aprenderam apenas a ler e a escrever, o que lhes daria o direito ao voto. De 13 filhos, somente duas alcançamos escolaridade superior, permitindo-nos ver o mundo assim como ele é e não pelos olhos dos vencedores ou pelos olhos do sacerdote que vinha uma vez por mês rezar missa, fazer batizados e casamentos em nossa capela. Nesse dia, dispensadas da escola, devíamos confessar e comungar com véu na cabeça, comparando-nos com aquelas jovens que poderiam ter um véu mais bonito. Lembranças intactas fazem-me ver ainda hoje que viúvas usavam véu preto. As demais usavam o véu branco.

Cartas na juventude

Outro estágio dessa experiência foi vivido na juventude. Tendo que estudar longe da família, o desejo de comunicação tornou-se uma necessidade vital, período em que o trabalho de escrever cartas se intensificou para manter os vínculos familiares, pois os irmãos viviam em diferentes lugares, estados e países. Além de outros amigos, cujas cartas trocávamos frequentemente. O número de correspondentes foi também aumentando à medida que outras amizades foram se constituindo em diferentes lugares em que vivi. Como não lembrar da exigência que me colocava ao responder cartas de pessoas – que escreviam com linguagem rebuscada, com palavras novas, ausentes em meu vocabulário? O Aurélio foi meu companheiro nas horas de leitura e nas horas de responder as cartas a essas pessoas.

Um período muito significativo, de intensa correspondência deu-se entre 1982 e 1985 ao residir em Beruri, à beira do Rio Purus/ Amazonas. A época, não havia telefone por lá, apenas rádioamador, de alcance limitado. Por essa razão, a escritura de cartas intensificou-se significativamente. Impossível mensurar as horas dedicadas a esse trabalho de comunicação, e quantas cartas foram escritas em três anos vividos intensamente com indígenas, ribeirinhos, pescadores, gente humilde, a maioria sem acesso à escola. Havia escola somente na vila de moradores, ao acesso de poucos. As crianças ribeirinhas não a frequentavam todos os dias e nem sempre chegavam à escola no horário estabelecido. Frequentavam a escola nos dias em que um adulto familiar ou da vizinhança dispusesse de tempo para enfrentar as ondas perigosas do Rio Purus com remos e braços fortes para a canoa não naufragar e levar as crianças ao cemitério. Em episódios como esse, era comum ouvirmos alguém dizer que era vontade de Deus. Fatos ocorridos como esses, lembro, eram notícias contadas e levadas pelas cartas.

Distante 26 horas da capital Manaus, as cartas eram entregues ao dono do barco que fazia o trajeto pelas águas entre Beruri e a capital. Da capital as cartas seguiam pelo correio até chegar às mãos do destinatário: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Paraguai, Suíça, Itália, África, onde residiam familiares e amigos. Cartas iam e vinham construindo a comunicação que separava nossos corpos e projetos de vida, buscados pelo desejo de liberdade e realização pessoal. As cartas eram os elos que nos uniam, mantendo-nos informados sobre doenças, mortes, casamentos, pescarias e luta pela escola e alfabetização de adultos para os camponeses, indígenas e quilombolas, à beira do Rio Purus.

Obviamente, nos dias da semana em que o barco fazia o trajeto pelas águas, a expectativa era maior. Era possível que cartas chegassem trazidas pela lentidão do barco que se movia pelas águas barrentas do Rio Solimões e depois pelas águas esverdeadas do Rio Purus até *atracar* na beira em frente à vila de Beruri, 26 horas após ter partido da capital. O importante é que, em algum lugar, cartas eram escritas,

endereçadas, devidamente seladas e os envelopes confiados aos correios, que pelas águas, por terra ou pelo ar chegassem aos mensageiros. Os Correios, hoje no limiar de serem privatizados, cumpriam o seu papel social de levar de um lado a outro do mundo a mensagem, zelando pelos elos humanos de tantas pessoas, cujas despedidas lhes custavam tanto. Essa carta era lida com calma, com sabor e com alegria. E algumas vezes, a propósito colocada debaixo do travesseiro, deixada ali por uma noite, exercitando a paciência consciente de que a expectativa pela leitura seria maior e o escrito teria maior sentido e emoção. Muitos lutos, nascimentos, casamentos foram informados através de cartas.

Se pudesse juntar hoje as cartas escritas naquele período, daria um verdadeiro romance de formação sobre cartas. Talvez as leria com sentimento de gratidão ou com o desejo de voltar atrás e refazer o caminho de outro modo, evitando despedidas e separações, sempre tão custosas aos humanos mais sensíveis. É possível que sua leitura provocasse nostalgia, vontade de reescrevê-las com outras palavras, escolhidas e rebuscadas na literatura de Graciliano Ramos, Fernando Pessoa, Itamar Vieira Junior, João Cabral de Melo Neto, Gabriel Garcia Marques, Mia Couto, Toni Morrison e Cora Coralina, hoje ao alcance de minhas mãos. Hoje, posso olhar para trás e analisar este vivido, sem dele levar rancor ou desprezo, tampouco desejo de repeti-lo.

Cartas asseguravam os aprendizados

Primeiramente, queremos lhes dizer que, embora estejamos longe, estamos acompanhando vocês em todo este tempo e imaginando como devem estar em suas atividades cotidianas. É sempre bom lembrar que este é um tempo importantíssimo para a formação de vocês e que todas as tarefas, quando bem feitas, ajudam no crescimento pessoal e coletivo de cada um/a. Portanto, não é momento de fazermos só para fazer, isto seria irresponsável e não faz o nosso jeito. Tudo deverá ser feito com carinho e dedicação, pois o Movimento precisa de educadores sérios/militantes (CAMINI, setembro de 2004).

Mais tarde, entre 1998 e 2010, imersa no trabalho da luta pela terra, outra experiência de comunicação foi alimentada. Nesses tempos, convivia com várias turmas de formação de educadores de nível médio, magistério, no Instituto de Educação Josué de Castro em Veranópolis, RS. Organizado na Região Sul do Brasil, o curso recebia estudantes do interior de vários estados, onde estavam assentados ou acampados na luta pela Reforma Agrária. Em função das distâncias, o curso era planejado em forma de alternância: tempo escola e tempo comunidade. No tempo escola, a convivência era diária com intensa programação em diferentes tempos educativos. No tempo comunidade, a forma de comunicação estabelecia-se pelas cartas. Por elas nos orientávamos. Os educandos contavam suas experiências de vida nos assentamentos e acampamentos, seus trabalhos, dificuldades, estágios programados, participação em marchas, questões familiares. Descreviam a realidade em que seus pés pisavam, cujo desejo de transformá-la era imenso. As cartas eram respondidas individualmente,

motivando o fazer pedagógico, sem desanimar frente às dificuldades. Nelas havia sugestões, orientações, incentivos e encorajamento para que ninguém desistisse do processo de formação de educadores e que por esse sacrifício poderiam alcançar uma universidade mais tarde, emancipação, autonomia e liberdade.

Foram vários anos em que mergulhei nesse trabalho. Pelas cartas os laços eram mantidos. Os estudantes sabiam o que acontecia na escola. E desde o mundo da escola, sabíamos o que eles estavam fazendo no tempo comunidade. Meu papel era acompanhá-los e não os perder de vista, porque as distâncias, as dificuldades enfrentadas na vida deles, poderiam ser impedimento para o retorno na etapa posterior. E era tudo o que deveríamos não deixar acontecer, pois o esforço para evitar as desistências valeu lágrimas de gratidão nas formaturas junto com seus pais. Hoje, quando nos encontramos em espaços de formação nacional ou estadual, a memória das cartas vem à tona como boas lembranças de um tempo de grandes aprendizados. Muitos desses estudantes alcançaram o ensino superior e são educadores nas escolas do campo. Há médicos formados em Cuba, agrônomos, advogados, sociólogos, enfermeiros, que relembram o tempo em que escreviam essas cartas.

Obviamente que foram inúmeras as cartas escritas e recebidas. Ao recordar essa experiência, ainda hoje me soa aos ouvidos a voz imaginada do outro lado ao ler seus escritos. Se tivesse a condição de recolhê-las e ordená-las, viria a ser uma obra, compilada com muitas vozes e diferentes personagens. Algumas constam em meus arquivos. Outras tantas extraviaram-se.

Bem, queridos educandos/as, penso que minha ausência nesta etapa na Escola Josué de Castro foi entendida, acolhida e respeitada. Independente de minha vontade e desejo, passo por algumas limitações na saúde, que me impedem de viajar, dar aulas, coordenar, movimentar-me livremente. Confesso que tenho passado por momentos muito duros e difíceis! Porém necessários para refletir a vida, alimentar a esperança e aprofundar a fé naquele que nos criou e que deseja vida em abundância para todos/as. Não podendo fazer tantas coisas que são de minha responsabilidade, aproveito, então, para ler *O Mundo de Sofia*, que vocês também irão ler e certamente gostar muito (Isabela Camini, 30 de julho de 1999).

Intercalando com o aprendizado dessa correspondência, em momento algum arrancado de mim, continuei lendo cartas. Com gosto e interesse li as cartas das crianças sem-terra que frequentavam a Escola Itinerante dos acampamentos do MST entre 1996 a 2008. Com a escola acompanhando as marchas, estudando a realidade que as cercavam, elas escreviam cartas ao presidente Lula, ao Ministério Público, ao presidente do Incra. Suas cartas comoviam as autoridades, mas não a ponto de movê-las a contrariar o latifúndio.

Exercitadas a olhar para realidade, a exemplo de Paulo Freire, de imediato as crianças se comoveram ao saber da prisão de um companheiro no Paraná, pai de três filhos pequenos. De imediato, tomaram a decisão de lhes escrever cartinhas de solidariedade. Nelas expressaram sua indignação frente à brutalidade da polícia que o havia proibido de receber os próprios filhos para visitá-lo na prisão. Mais tarde, soube

que esse pai, preso, leu as suas cartas e as respondeu. Eram cartas portadoras de sinceridade e singeleza infantojuvenis. Sem dúvida, encantava-me sua desenvoltura e espontaneidade ao denunciar a falta de políticas públicas e de reforma agrária. Era por isso que sua escola estava ao relento.

Em suas cartas, era visível sua perturbadora felicidade, que brotava espontaneamente, porque matriculadas em uma escola pública, itinerante, próxima da vida e da luta, da qual vertiam os conteúdos de português, história, matemática, entre outros. Ao mesmo tempo na escola e na luta, poderiam estar próximas dos pais e dar-lhes algum sossego e apoio em momentos em que a violência do Estado opressor se tornasse brutal, a ponto de verter sangue de suas veias, marcar suas costas ou embaralhar os olhos pelos efeitos do gás lacrimogênio.

Embora possa parecer estranho, em suas cartas e em seus rostos não encontrei infâncias tristes e acabrunhadas. Encontrei infâncias lutadoras, encorajadas, com largo sorriso nos lábios, alimentadas pela luta que desfiava para elas fios de esperança de um mundo mais justo. Não esquecerei jamais do que li em 1996 após o massacre de 19 jovens em Eldorado dos Carajás, Pará: "Apesar de tudo, na Fazenda Macaxeira ainda tem sorriso de criança", ao se referir à escola que lá haviam construído. Essa é mais uma prova concreta do aprendizado construído pela escritura de cartas que levarão para a vida toda. Nessa experiência, concretizo na prática a escola problematizadora e libertadora anunciada por Freire no dia a dia daquelas crianças.

Imbuída desse desejo e para entender melhor o início da luta pela terra no RS, li as primeiras cartas escritas pelos sem-terra na Encruzilhada Natalino na década de 1980, registros de valor imensurável. Cartas cheias de mística, de sentimentos, de promessas de luta e de resistência coletiva. Cartas que prometiam lutar até a morte pela conquista da terra para produzir e construir vida digna. Cartas que denunciavam a falta de escola e ao mesmo tempo anunciavam não desistir da luta até que o direito das pessoas fosse garantido, construindo vida digna nos assentamentos. "Melhor morrer lutando do que morrer de fome", disse a jovem mãe Roseli Nunes, cansada, com o filho nos braços, dias antes de ser assassinada. Hoje, Tiarajú, seu filho, é um sem-terra, formado médico, porque Cuba o acolheu na Universidade Latino-Americana de Medicina depois de crescido e com desejo de curar as feridas humanas.

Obviamente, promessas de luta e resistência, registradas naquelas cartas transformaram-se, em boa medida, em realidade. Hoje, muitos desses lutadores estão assentados, frequentaram a escola do campo e alcançaram o ensino superior. Em seus lotes são exímios produtores orgânicos, que fartam nossas mesas, comercializados nas feiras agroecológicas de nossa capital. Cartas preciosas, documentos guardados, fontes de pesquisa ao alcance das mãos de historiadores, de contadores de histórias e de quem se arrisca a olhar para o passado, intencionalmente decido continuar essa luta, reconhecendo a história vivida e registrada em cartas. Cartas escritas com seu punho, depois datilografadas. Cartas ao nosso alcance quatro décadas passadas. Cartas

não envelhecem, mesmo que suas páginas fiquem amareladas pelo tempo. Cartas falam a seu tempo.

Como vemos, o tempo dedicado à escrita e à leitura de cartas foi intenso e prolongado, vindo a se tornar permanência. Tempos de profunda formação humana, de aprender a escrever, escolhendo as palavras que melhor pudessem dialogar com o interlocutor. Embora seja uma metodologia esquecida e desprezada em tempos líquidos modernos, Paulo, Ana Lucia, Balduino, as crianças sem-terrinha e eu, não pensamos desse modo e continuamos a escrever cartas.

Ao revisitar os aprendizados dessa trajetória, escavados da memória para sistematizá-los tantos anos depois, é perceptível o diálogo fecundo, o registro dos fatos, a sistematização de experiências de vida, tão características de uma Carta Pedagógica, que somente foi batizada com esse nome por Paulo Freire.

Obviamente, o termo Cartas Pedagógicas foi criação daquele que melhor dialogou com os oprimidos ao ajudá-los a reconhecer a pedagogia de que eram portadores para o enfrentamento da luta por sua libertação. Insistentemente, Paulo mergulhou e refletiu sobre a palavra Pedagogia, experimentada nele mesmo enquanto homem de diálogo, capaz de andarilhar para encontrar pessoas que o ensinassem a ser mais gente, porque sempre se via um homem *inacabado, incompleto e inconcluso*. Era dele que poderia brotar esse termo tão peculiar: Cartas portadores de Pedagogia, a serem continuadas pelos oprimidos, pelos que têm esperança, pelos que lutam pela autonomia e por todos nós que nos indignamos frente a qualquer injustiça comedida contra um ser humano em qualquer parte do mundo.

Todo esse aprendizado resultou na necessidade de dar continuidade àquela carta de Paulo, escrita a punho, deixada sobre sua mesa, inacabada, dias antes de 02 de maio de 1997.

O interesse por Cartas de Freire e outros

Paulo Freire, tenho revisitado seus livros escritos em formas de cartas: Cartas à Guiné-Bissau, Cartas à Cristina, e Professora Sim, Tia não, Cartas a quem ousa ensinar. Em seus últimos escritos, denominados de *Cartas Pedagógicas*, que busca comunicar o humano de si para com o humano do outro, você nos instiga a dar continuidade à escritura de Cartas. Cartas que serão pedagógicas se impregnadas de sabedoria, de conteúdo humano e de finalidades educativas. Aliás, sua última carta deixada inacabada sobre sua mesa, quando um “mal-estar” o levou a *dormir para sempre*, era uma denúncia e expressava indignação pelo assassinato do índio Galdino Jesus dos Santos, em Brasília, em 1997, e o desrespeito à causa indígena e sua cultura. A incompletude deste escrito, feito a punho, se tornou um apelo a nós vivos, e em condições de lutar contra todas as injustiças cometidas em qualquer parte do mundo, conforme o exemplo de Che Guevara (CAMINI, 2020, p. 22).³

³ MST. Paulo Freire e a Pedagogia do Trabalho Popular. *Boletim da Educação*, n. 15. São Paulo, 2020.

Há que se reconhecer que, entre os anos de 2003 a 2014, o projeto de Educação Popular no Brasil foi fortemente marcado pela presença da Rede de Educação Cidadã – RECID com capilaridade em 27 estados. O projeto, ancorado na Secretaria Geral da Presidência da República em Brasília, tinha recursos orçados a cada dois anos nos governos Lula e Dilma. Eram mais de mil educadores circulando e motivando a formação de educadores de diferentes organizações e movimentos sociais populares, imbuídos dos princípios da Educação Popular de Paulo Freire. Nos anos de 2011 e 2012, essa Rede teve como sua entidade âncora o Centro de Educação Popular: CAMP, Porto Alegre. Com a responsabilidade de coordenar o processo pedagógico, que vinha estudando e construindo aprendizados formativos de base, tendo o legado de Paulo Freire como orientação, esse período foi marcado pela formação dos educadores populares e pelo incentivo à escritura de Cartas Pedagógicas. As Cartas Pedagógicas foram a metodologia utilizada para a correspondência entre os educadores, e principalmente como forma de registro e sistematização das atividades nos trabalhos de base. Nossa equipe pedagógica da RECID/CAMP debruçou-se sobre essa metodologia com afinco, para poder orientá-la aos educadores populares. Nós também sistematizamos os nossos aprendizados desse período em forma de CP⁴. Uma experiência de valor imensurável.

Percebendo o entusiasmo desse movimento, sem a pretensão de imitar o mestre, apenas ensaiar escritos pedagógicos que assegurem o seu legado, senti-me impelida a revisitar as obras que tratavam diretamente de Cartas, pois já havia sido tocada, tempos passados, pelo conteúdo contido nelas, entre outras que a curiosidade as alcançou, ausentes nas obras, porque tinham outro propósito. Vendo a força e o significado atribuído à Pedagogia em suas obras, despertou-me a curiosidade para entender por que Paulo Freire passou a escrever *Cartas Pedagógicas* quando antes escrevia Cartas⁵, destinadas a diferentes interlocutores e propósitos. Nas entrelinhas de muitas de suas cartas é perceptível a saudade, cuja dor o maltratava, distante geograficamente de seu povo.

Nessas *poucas linhas* das cartas, se comparadas aos capítulos de seus demais livros, está gravado um coração sensível, humano, corajoso, habituado ao diálogo e à escuta do outro. Escrevia a muitas pessoas, expressando sua maior gratidão pelas cartas e pequenos presentes e fotografias, que juntos lhe enviavam. Os longos dias de exílio foram nutridos pela farta correspondência, fidedigna entre ele e os amigos que ficaram no Brasil.

⁴ Sem dúvida, aqui nasce o desejo de aprofundamento de literatos que se debruçaram sobre o papel e escreveram parte de sua história de vida através de Cartas. Desde as primeiras linhas da Carta que deveria escrever: Do dever e do direito de escrever Cartas Pedagógicas, que formaria o conjunto de Cartas com os colegas, senti que deveria aprofundar o tema, buscando fundamentos para a escritura de Cartas na história.

⁵ Cartas à Guiné-Bissau, Cartas a Cristina, Professora Sim, Tia não: cartas a quem ousa ensinar, e Pedagogia da Indignação – Cartas Pedagógicas e outros escritos.

Naturalmente, a leitura dessas cartas despertou meu interesse para escritos de outros pensadores, que se valeram de cartas para registrar seu pensamento. Escritos feitos de onde estivessem e nas condições em que viveram. Lembrei-me então das Cartas de Paulo Apóstolo às comunidades, cartas de Francisco de Assis aos irmãos, orientando-os à vida fraterna e ao amor aos leprosos de seu tempo, como filhos prediletos de Deus e condenados pelos homens do mundo capitalista, porque acometidos pela lepra/hanseníase contagiosa. As cartas de Che Guevara à esposa, pais e filhos, de Rosa Luxemburgo, de Antônio Gramsci, de Olga Benário, José Saramago, Francisco Julião constituíram um verdadeiro romance de formação humana.

Como estão vendo, a leitura de cartas de lutadores do povo me fascina faz tempo. A Carta-Testamento de Francisco Julião à sua filha Isabela talvez tenha sido a carta mais bonita e comovente que li. Nenhum ser humano, amante de uma ideia revolucionária, se arrepende do tempo que dedicará a uma leitura tão preciosa, que evoca tantas emoções pelas verdades e sentimentos expressos por um pai a uma filha, ainda tão pequena. Julião nutria a certeza de que Isabela crescesse formosa, inteligente e feliz. E que na ausência do pai saberia interpretar a carta-testamento. E seria livre para seguir as orientações de um camponês, formado em Direito, com um coração de ouro. É uma carta comovente; embora não leve a denominação de pedagógica, é mais do que pedagógica. É uma carta revolucionária. Na prisão, Julião soube ocupar-se com o melhor e mais belo de sua vida: a filha Isabela, que ele não viu nascer, mas que o visitava, protegida pelas fraldas todas as quartas-feiras na prisão. As fraldas poupadas pelo xixi salvaram os seus escritos. A ela ele escreveu uma única carta-testamento, guardada para sempre nas memórias de quem a lê. E para que não vacilemos caso outra ditadura venha nos visitar contra a vontade do povo que luta por justiça social e liberdade, oriento a leitura de “Até Quarta Isabela” a todos vocês.

Para entender essa passagem, com interesse pedagógico reli cuidadosamente Pedagogia da Indignação, onde se encontram as três **Cartas Pedagógicas**, assim denominadas por ele, em seus últimos escritos de 1997. Nessa releitura, descobri as pérolas pedagógicas que sustentam seus últimos escritos, encharcadas de realidade, escritas cuidadosamente com metodologia e de conteúdo profundo, sistematizado por um pensador que se importava com a realidade no seu entorno e com o grito dos oprimidos. Não podendo estar lá onde o povo estava em luta, escrevia-lhe Cartas Pedagógicas, pelas quais expressa a grandeza de seu pensamento humanizado pela escuta e pelo diálogo, as preocupações sobre a relação opressor e oprimido, tão presente no sistema capitalista brasileiro e voltando com força em nossa atualidade pelas mãos estúpidas do fascismo.

Inquieta e feliz com tanto conhecimento humano verbalizado nessas cartas, resta-me entender porque essa metodologia é tão pouco conhecida e apreciada nos meios acadêmicos, por vezes até desprezada e deixada no esquecimento. A meu ver, seria preciso valorá-la, dar-lhe o verdadeiro sentido que cabe a um instrumento

metodológico eficaz, sugerindo novas formas de registro e sistematização do conhecimento pretendido, partilhado.

Ainda que possa ser mal interpretada, não creio que um texto acadêmico me daria tais elementos para entender, de forma profunda e humana, o que seu coração sentiu durante os 72 dias de prisão em junho de 1964, acusado de “subversivo e ignorante”, e nos 16 anos de exílio. As suas cartas, sem lamúrias, são prova cabal da humanidade de Paulo Freire, capaz de entender e perdoar a pobreza e insensatez daqueles que o encarceraram e exilaram, simplesmente porque desejava ver o povo alfabetizado, com liberdade de pensar e agir por sua própria conta. Do exílio continuou a pensar na condição em que viviam os oprimidos e que esses teriam força em sua própria pedagogia, capaz de combater a força do poder do opressor. Prova disso é a sua obra clássica, escrita no Chile em 1968 – “Pedagogia do Oprimido”. Podemos dizer que essa obra é uma espécie de carta-testamento atual, em diálogo com todos os oprimidos do mundo em todo o tempo em que houver opressão. Essa obra será sempre atual e demandaria muitas cartas pedagógicas para explicá-la de modo dialógico aos opressores.

Todas essas leituras inspiraram uma pequena obra: **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**, publicada em 2012. Nela encontrarão fragmentos de diferentes cartas lidas no percurso de pesquisa e ricas experiências construídas em forma de cartas num processo de formação de educadores populares em 27 estados do Brasil, organizados na Rede de Educação Cidadã: RECID.

Dessa experiência de formação de Educadores Populares com capilaridade nacional estavam previstas mais duas obras em forma de CP. Havíamos organizado todos os registros e a sistematização da experiência, feita a muitas mãos. Havia inclusive recursos destinados para essa finalidade. Contudo, os contratemplos, o poder assumido por pessoas contrárias a qualquer experiência dessa natureza, desconstituíram o projeto e o colocaram em outra direção, contrária aos interesses da Educação Popular de Paulo Freire. Ou seja, com o “golpe” que interrompeu o Governo Dilma em 2016, esse projeto foi totalmente inviabilizado junto com a possibilidade de publicação de uma experiência singular em forma de Cartas Pedagógicas. A meu ver, o processo foi pedagógico e gerou aprendizados que ninguém tira de nós, porque vivenciado na pele, em comunhão, no calor da experiência. Eram mais de mil educadores populares; cada um trabalhava com diferentes grupos em sua base. Paulo Freire era o inspirador desse trabalho, em boa medida registrado em Cartas Pedagógicas.

Cartas de tirar o fôlego

Em minha experiência de vida, é possível constatar que a metodologia de Cartas tem aceitação em diferentes espaços, por pessoas e profissões diversas. Nunca poderei afirmar que encontrei resistências na proposição de trabalhar com cartas. O

acolhimento da proposta metodológica sempre me deixava surpresa. Isso se sustenta porque experimentei esse método junto a um grupo de sindicalistas bancários da grande Porto Alegre no ano de 2015. Surpreenderam-me a acolhida e a adesão à ideia ao iniciarmos um curso de formação política ideológica com bancários sindicalizados de diversos bancos. Bancários de profissão, de diferentes idades e agências bancárias, era preciso que se conhecessem entre si para fazer juntos a caminhada de formação pretendida. Ao conhecerem alguns lutadores do povo (exilados e encarcerados), que registraram suas experiências de vida em forma de cartas ao longo da história, não tiveram dúvidas de debruçar-se sobre a mesa e escrever as suas cartas. Livres para escolher a quem escreveriam, pude ler todas as cartas, a meu ver um belo documentário de bancários. Ali encontramos carta ao pai, carta ao filho, carta a seu gerente autoritário, carta à coordenadora do curso, ao médico, ao psicólogo. O que mais chamou minha atenção foi o relato de um gerente com marcas profundas e traumáticas por ter sido refém dos assaltantes num assalto à sua agência bancária. Sua narrativa na carta foi comovente. Sem o direito de ausentar-se alguns dias para tratar do trauma, retornou ao trabalho no dia seguinte, tendo que aparentar estar bem e feliz. Afinal, esse gerente era apenas empregado do banqueiro e não poderia manifestar sentimento algum de medo para os clientes da agência. Receosos de outros assaltos, esses clientes poderiam retirar-se do banco e levar o dono do banco a diminuir seus lucros.

Alguns imbuídos de coragem, contendo a emoção, leram suas cartas aos colegas, palavras acolhidas com aplausos e seguidas por outras cartas que eram lidas. Essa introdução ao curso foi determinante e decisiva para o processo de formação humana ideológica de um grupo de bancários sindicalizados com consciência política aguçada. No entanto, sua sensibilidade pedagógica é reprimida cotidianamente pela hierarquia instalada nas agências bancárias e no modo como o capital financeiro está organizado, exercendo forte pressão sobre os empregados para o cumprimento de metas abusivas. Não por acaso, há tantos humanos, profissionais dos bancos, adoecidos e fragilizados, adormecendo e despertando medicalizados, tendo que se dirigir todos os dias ao banco, trajados adequadamente, parecendo estar acima do bem e do mal para convencer os clientes a fazer novos e arriscados investimentos. As cartas que lemos, entre elas algumas não assinadas, guardam experiências de vidas aprisionadas, atormentadas pela ameaça de demissão e redução de salários caso não cumprirem as metas abusivas do capital.

Imbuída da riqueza metodológica, conteúdo contido nas Cartas e na vida e obra de seus personagens, continuei a vasculhar os velhos baús e lá alcancei obras preciosas, tais como: Cartas de Amor entre Abelardo e Eloísa, de Fernando Pessoa e Ofélia Queiros, correspondência amorosa completa 1919-1935; Rilke – Cartas a um jovem poeta; As Cartas que não chegaram, de Mauricio Rosencopf; Cartas do Coração

– uma antologia do amor, de Elisabeth Orsini; Memórias por correspondência, de Emma Reyes; 44 cartas do mundo líquido moderno, de Bauman⁶, para citar algumas.

Sem dúvida, essas cartas nos fazem viajar no tempo histórico, conhecer literatos e suas experiências de vida calcadas e maltratadas pelo sofrimento, proibições e resistências. São cartas portadoras de uma riqueza literária que engrandece os leitores. Muitas cartas guardam as relações íntimas vividas por seus escrevedores. Assim precisam ser lidas, com respeito aos sentimentos de dor, amenizados um pouco pelo ato da escrita, uma verdadeira sessão de terapia. As cartas de Abelardo e Heloísa, de Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz, foram publicadas após sua morte, muito provavelmente contra a sua vontade. Sua leitura transporta-nos para tempos passados, modos de vida cheios de proibições, mas também tempos de exemplares e encorajadas transgressões.

Enquanto lia esses literatos que me presenteavam com uma literatura encantadora, ensaiei a escritura de Cartas Pedagógicas desde a participação no Seminário Internacional e Educação do Campo/2017 e Leituras de Paulo Freire, 2017, entre outros seminários de formação de educadores do MST, cujo conteúdo fosse o legado de Paulo Freire. Escrevia-as e as enviava ao público leitor com quem havia trabalhado. A aceitação do escrito feito de forma sistemática, coloquial e dialógica encontrava eco nos leitores. A pedido para uma publicação de livro Cartas da Gratidão, escrevi uma Carta a Paulo Freire. Recentemente, a propósito de publicação no Boletim n. 15 do MST, em homenagem ao centenário de PF, essa carta foi reescrita e atualizada.

No período de 580 dias em que Lula esteve injustamente detido na Federal de Curitiba/RR, escrevi-lhe uma carta de apoio e solidariedade. Confiante de que lhe faria bem e o confortava ler cartas de militantes, ocupando seu tempo de cela saudável e esperançosamente. Dias depois, fui surpreendida com sua resposta através de um cartão de agradecimento e incentivo a continuar lhe escrevendo. E que as lia com gratidão. Há que se esperar a publicação das milhares de cartas que Luiz Inácio Lula da Silva recebeu, encontrando nelas palavras de conforto e solidariedade. As cartas somavam-se às palavras de ordem, cujo eco soava em sua cela todos os dias, proferidas por militantes que lhe fizeram companhia, acampados no lado de fora da Federal.

Até aqui penso ter sido fiel à memória que me permitiu a reconstrução de um viés de minha história de vida. Uma história que não desmereço de forma alguma, de modo especial pelo aprendizado humano e pedagógico que a leitura de inúmeras cartas, de diferentes personagens, lugares e situações de vida em que viveram me proporcionou. Em minhas cartas está viva a presença desses lutadores escrevedores. Em suas linhas está *a pena* que eles utilizaram para me inspirar e inquietar com as questões atuais de que tratam as cartas.

Aqueles primeiras cartas escritas com as palavras de uma mulher, cujas letras não conhecia, foram tomando forma e expressão, alimentadas e aperfeiçoadas através

⁶ Todas encontradas na bibliografia.

dos anos. Esse aprendizado foi germinando e crescendo, regado a cada carta que escrevia e aquelas que lia, como foi aquela carta comovente do gerente de banco refém de assaltantes. Assim fui entendendo que o aprendizado de um ser humano inicia com o nascimento e só termina com a morte. Não passamos nenhum minuto da vida sem aprender alguma coisa. Estar aberto ao aprendizado é no que Paulo Freire insiste.

Sete Cartas da Pandemia

Ciente de que deveria ocupar-me saudavelmente, sem poder sair de casa para encontrar as pessoas no percurso da pandemia, senti-me convidada a sentar-me ao lado dos *grandes mestres* como aprendiz para escrever Cartas Pedagógicas, perpassadas por conteúdos que nos inquietam profundamente, problemas ocultos ou escancarados pela pandemia que assolou o mundo. Nessas cartas, abordo questões de relevância social, como a fome, a solidariedade, a gratidão, formas saudáveis de ocupação, violência, resistência e esperança.

Assim que iniciei a primeira CP, reconheci ser privilegiada por ter uma realidade sobre a qual escrever, ter um público-alvo, a quem destinar as cartas. E de saber que seriam lidas por sujeitos sociais envolvidos com as mesmas causas sociais e lutas que perpassam as Cartas. Assim entendi que meu escrito teria vida, teria eco. Alguém desconhecido, ou que já o tendo encontrado em algum lugar, iria ler as cartas.

Uma após a outra, o conjunto sete cartas da pandemia tomou forma e conteúdo. No decorrer da escrita, eu mesma lia e relia as cartas, estranhando o texto para torná-lo palpável e agradável ao leitor. Ao ler a carta que escrevia, perguntava-me: o que está me movendo, emocionando e inquietando neste momento conturbado de pandemia? Desse modo, estabeleci uma relação entre mim e o leitor, sem me culpar caso não fosse lida. A carta estava lida por mim mesma. A maioria das cartas apresentadas aqui num sopro alcançaram militantes, educadores, dispensando folhas, envelopes e selos, poupando valor do correio. Em algum momento de distração ou não, o leitor encontrou-as.

Aqui gostaria de lembrar o gesto de humildade pedagógica de Paulo Freire, o qual incorporei nos meus escritos. Ele solicitou a uma aluna negra em Harvard que lesse a tradução do primeiro capítulo da *Pedagogia do Oprimido*. Na semana seguinte, ela trouxe a sua avaliação e a do filho de 16 anos: “Esse texto”, disse ele, “foi escrito sobre mim. Ele trata de mim” (p. 75)⁷. Sem dúvida, Paulo descobriu nos próprios oprimidos, a quem escrevia, os interlocutores para seus textos.

Sem imaginar o alcance dessas cartas e sem me importar em ser lida ou não, continuei a escrever, reconhecendo ainda mais na escrita uma terapia de formidável

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

valor humano. Eu precisava salvar minha pele, cuidar da saúde física e mental. Não queria adoecer, ouvindo os noticiários de que a pandemia alcançava o mundo e enlutava pobres e idosos, de alguma forma carentes de pão, de atenção e de livros. A qualquer distração no ato de escrever as cartas, ouvia buzinas de ambulâncias a correr para os hospitais aqui em meu bairro. O luto de tantos me fez sofrer menos porque ocupada em escrever cartas, sem ignorar a dor do mundo, do luto das pessoas, das despedidas, cujos planos se reduziram a um envelope preto sobre seu corpo fechado em um caixão com pouquíssimas pessoas no ato da despedida. As cartas pedagógicas escritas nesse período almejam desejar bons sonhos, boa saúde, solidariedade sem limite e muita fé aos enlutados, especialmente às infâncias órfãs de mães levadas na hora do parto, sem ver o rosto dos filhos e esses sem nunca poder ver o rosto de suas mães.

Quando iniciei a primeira carta, não tinha o propósito de ser sete, nem três, nem cinco. Estava segura de que deveria iniciar. Elas foram surgindo por força da inspiração e pelo desejo de cuidar de mim, não adoecer, atenta a cuidar daqueles em cujas cartas buscavam encontrar fios de esperança do verbo esperar. São cartas que não apenas evocam sentimentos, mas despertam profundas reflexões.

Assim, escrevi a primeira e a intitulei: **Por uma Pedagogia da Solidariedade**. Eram tempos difíceis, a fome começou a bater nas portas das famílias carentes, e o Movimento Sem Terra ouviu a voz desse povo. Rapidamente se organizou, colheu os frutos de sua produção e levou a eles. Gestos de profunda solidariedade, que se transformaram em uma pedagogia da solidariedade. Essa carta alcançou os doadores e receptores desses alimentos e os confortou.

Em seguida, soube de uma tentativa violenta de despejo de famílias sem-terra, assentadas em uma área em Minas Gerais. Essas famílias já viviam lá há anos, produzindo, construindo suas casas, galpões e escola. Ao chegar de surpresa para o despejo, os policiais miraram a escola Eduardo Galeno. Talvez o nome os incomodasse vertiginosamente. As crianças foram retiradas de dentro dela, amedrontadas. Atordoadas, correram ao encontro dos pais e dos educadores. Nenhuma piedade e compaixão viram-se no olhar dos agressores. A carta não poderia ter outro título mais sugestivo: **O primeiro alvo foi a escola**.

A terceira diz respeito a uma obra de valor imensurável. Ao lê-la, a um fôlego, não pude conter as lágrimas: A revolução de Anita. Ela me inspirou a Carta Pedagógica **As muitas Anitas**. Cuba fez a sua parte em 1961, buscou alfabetizar a nação com a ajuda de jovens e adolescentes. Todos corriam para ajudar no processo que resultou na alfabetização de todos, sem distinção, porque eram herdeiros de um capitalismo que excluiu a grande maioria de camponeses, pobres, trabalhadores do direito a ler o mundo e escrever a palavra: revolução.

A quarta carta, sem planejar, sua reflexão brotou da vida, da experiência dura de manter o isolamento, a que eu chamo de recolhimento produtivo. Ansiosa para decretar o fim da peste que viria matar mais de 260 mil pessoas no Brasil, intensifiquei a ocupação

com o melhor possível – escrever e bordar. Assim nasceu **Entre a Pena e a Agulha**. Sua leitura tem sentido, porque vai dialogar com o sentido e a forma como vocês se ocuparam nesses tempos sombrios.

A quinta carta volta à questão da solidariedade, porque o Natal se aproximava. E vi grandiosos gestos de solidariedade multiplicando-se no Brasil inteiro. Gestos coletivos de pessoas que não têm muito, não acumulam, mas que partilharam o melhor que têm, o mesmo que é servido em suas mesas. Assim nasceu a **Solidariedade e o Natal 2020**.

A sexta carta trata da Esperança, pois sem ela não será possível viver em plenitude. Com o título **Há Esperança, ainda que tardia**, a carta quer alimentar em nós a esperança no ser humano, que se faz pela escuta, pelo respeito e pela gratidão.

A carta de número 7 trata de um tema polêmico, presente e assustador em nossos dias. **Vidas femininas importam**, porque são mães, mulheres, guerreiras, trabalhadoras. Elas não podem morrer assassinadas por seus homens, cruéis, desavergonhados, sem punição alguma. É preciso frear o porte de armas; quem está armado mata, sem sentir culpa, sem se importar com a punição, caso a venha ter.

Compiladas em ordem cronológica, as sete cartas da pandemia servem como registro de um tempo não experimentado por nenhum de nós. Lavar as mãos frequentemente, sair de casa somente para o necessário, cobrir a boca e o nariz e evitar aglomerações é um desafio de nosso tempo. A inspiração foi mexer com temas adversos, polêmicos, ocultos, atuais, reflexivos, de importância coletiva, em diálogo com aqueles/as que valorizam o humano de si e o humano do outro.

Contudo, o alcance das Cartas Pedagógicas de Paulo Freire foi determinante para avançar nesta forma de escrita, de construir ciência e conhecimento que liberta. Essas cartas chegaram a mim através do livro *Pedagogia da Indignação*, de 2000. Foi pelas mãos de Nita Freire que as CP foram visibilizadas. Reli-as várias vezes, perguntando-me: por que no final da vida denomina suas cartas de pedagógicas? A resposta veio pelas suas palavras: *Fazia algum tempo um propósito me inquietava: escrever umas Cartas Pedagógicas em estilo livre* (p. 29).

Hoje tenho certeza. Ele continuaria escrevendo Cartas Pedagógicas, mas em maio de 1997 ele dormiu o sono dos que morrem para ver melhor, descansando suas mãos e seu coração, que deixara de bater.

Por fim, aprendi imensamente ao dedicar-me à leitura de cartas de diferentes pessoas que, por alguma razão, viveram distantes e cultivaram a comunicação com familiares e amigos. Eles me ensinaram a gostar de lê-los, compreendê-los, imaginar seu rosto e a cor de seus cabelos, embora nunca nos tenhamos encontrado. Paulo Freire e Frei Betto foram os únicos que encontrei pessoalmente. Guardo em fotografia essa lembrança, especialmente de Paulo Freire, em uma única visita dele a um assentamento do MST/RS/1991. Com todos os escrevedores de cartas aprendi a escrever as minhas cartas e a gostar de construir literatura através delas.

Esse exercício de distanciamento, que ora me permite rever o processo construído no decorrer de décadas, também é gerador de aprendizado, perpassado pela emoção e nostalgia. É notável o número de escrevedores de cartas que alcancei ao longo de anos, porque as buscas foram incessantes e focadas. Há um ditado popular, experimentado em minha experiência de formação: *quem procura encontra*.

Assim como no passado, é também hoje: as fronteiras entre o escritor e leitor estreitam-se e se afinam os laços. Eles se tornam próximos, amigos. As cartas que escrevemos hoje têm uma função social, pedagógica e terapêutica. São registros preciosos de nosso tempo histórico, de vidas dedicadas a não descuidar de escrever cartas, sem desmerecer o alcance de outras formas de comunicação mais rápidas e duradouras. Talvez serão lidas pelas novas gerações, assim como eu estou lendo cartas de séculos passados. Cartas não envelhecem. Tampouco envelhecem quem as escreveu e quem as lê.

Referências

- ABELARDO E ELOISA. *Cartas de Amor*. São Paulo: Oficinas de José Magalhães, 1940.
- BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Cartas de Esperança em tempos pós-ditadura*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- CAMINI, I. *Cartas Pedagógicas – aprendizados que se entrecruzam e se comunicam*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.
- CAMINI, I. *7 Cartas da Pandemia*. Circulação livre, 2021.
- COELHO, Edgar Pereira. *Pedagogia da Correspondência – Paulo Freire e a Educação por Cartas e Livros*. Brasília: Liber Livro, 2011.
- DEFFAND, Madame Du. *Cartas a Voltaire*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Mandarim, 1996.
- FREIRE, P. *Cartas a Guiné-Bissau*. Registros de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREIRE, P. *Cartas a Cristina*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2004. Licenciado gratuitamente por Ana Maria Freire ao MST.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Indignação*. Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000(a).
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*. Cartas Pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança – Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Professora Sim, Tia não*. Cartas a quem ousa ensinar. 10. ed. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1993.
- GORKI, Máximo. *Como Aprendi a Escrever*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- HADDAD, S. *O Educador – Um perfil de Paulo Freire*. São Paulo: Todavia, 2019.
- LANGER, Shirley. *A Revolução de Anita*. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- LEMAIRE, Gerard-Georges. *Kafka*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- MST. Paulo Freire e a Pedagogia do Trabalho Popular. *Boletim da Educação*, São Paulo, n. 15, p. 93-99, 2020.
- MST. Paulo Freire e a Pedagogia do Trabalho Popular. *Boletim da Educação*, São Paulo, n. 15, 2020.
- ORSINI, Elisabeth. *Cartas do Coração – uma ontologia do amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- REYES, Emma. *Memória por Correspondência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- ROSENCOF, Maurício. *As cartas que não chegaram*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- SUSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Fundação Casa Rui Barbosa, 2001.
- ZENITH, Richard (org.). *Fernando Pessoa & Ofélia Queiroz – Correspondência amorosa completa 19919-1935*. Rio de Janeiro: Capivara Editora, 2013.

Recebido em: 25/08/2021

Aceito em: 14/09/2021

Isabela Camini

Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS. Do Setor de Educação do MST. Autora de *Escola Itinerante – na fronteira de uma nova escola*. São Paulo: Expressão Popular, 2009; e *Cartas Pedagógicas – aprendizados que se entrecruzam e se comunicam*. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

Pesquisadora nas áreas: Escolas Itinerantes do MST, Educação do Campo, Sistematizações de experiências, Cartas Pedagógicas e Atualidade do legado de Paulo Freire.

E-mail: isacamini@yahoo.com.br